

BOMBEIROS

Prevenção reduz número de incêndios em Porto Alegre

□ No primeiro semestre deste ano as ocorrências diminuíram mais de 60% em relação ao mesmo período do ano passado

PEDRO CHAVES

A crítica falta de equipamentos em condições de utilização — no final de 1990, das 40 viaturas existentes apenas quatro estavam realmente funcionando — levou o Corpo de Bombeiros a investir maciçamente num programa de prevenção contra incêndios em Porto Alegre. E os resultados têm sido muito bons, conforme dados fornecidos pelo comandante do 1º Grupamento de Incêndios, major José Fernando Silva de Cristo: no primeiro semestre deste ano, o número de ocorrências na Capital caiu em mais de 60% em relação ao mesmo período do ano passado.

O programa incluiu e mantém um sistema de palestras em escolas, associações comunitárias e empresas, orientações a condomínios e visitas e inspeções a prédios, neste caso em conjunto com a prefeitura. Como resultado, em vez dos 955 incêndios registrados nos primeiros seis meses de 91, este ano as ocorrências caíram, em igual período, para 578. Foi iniciado ainda um trabalho intenso de recuperação das viaturas. "Hoje

já temos 20 delas funcionando em boas condições", diz Cristo, otimista.

DESCENTRALIZAÇÃO — Para completar, os bombeiros da Capital querem ver concretizado um plano idealizado há seis anos e que altera completamente o esquema de atendimento a incêndios da cidade. Hoje, existem oito estações do Corpo de Bombeiros em Porto Alegre, cada uma delas com uma área de responsabilidade variável, em média com dez quilômetros de raio de ação. Neste sistema, o tempo médio de deslocamento de uma unidade até o local do fogo é de oito minutos, e os bombeiros levam, em média, 12 minutos para entrar em operação. Ao chegar no local, os bombeiros encontram um incêndio cuja temperatura está acima dos 1.000 graus centígrados. A técnica de atendimento, assim, é individual, por estações.

Com o programa de descentralização de estações, a área de responsabilidade cai para dois quilômetros de raio do posto de bombeiros — serão 22 novos pontos de socorro na cidade — e o tempo médio de deslocamento se reduz a quatro minutos. Da mesma forma, o tempo médio de entrada em operação fica em oito minutos e a temperatura encontrada no incêndio oscilará entre 700 e 1.000 graus centígrados. Neste caso, a técnica de atendimento é combinada com um mínimo de duas estações deslocando suas equipes até o local. As chances de sucesso no comba-

te ao fogo, neste caso, serão muito maiores, explica o major Cristo.

ESTRUTURA — O Corpo de Bombeiros de Porto Alegre tem um efetivo previsto de 798 homens, mas na prática são 749 em atuação. "Temos vagas", diz Cristo, garantindo que nos quadros do Grupamento de Incêndios não existe evasão, "apesar de termos quase voto de pobreza". Hoje funcionam na cobertura da cidade as estações Açorianos, na Aureliano de Figueiredo Pinto, onde também está instalado o comando; Silva Só, que inclui o Centro de Ensino e Instrução de Bombeiros e o comando do Corpo de Bombeiros do Estado; Floresta; Aeroporto, que atende exclusivamente possíveis ocorrências no Salgado Filho; Partenon; Passo da Areia; Assunção; Belém Novo; e Mauá.

Esta última funcionava junto ao cais do porto — onde está o 1º Subgrupamento de Buscas e Salvamentos — e havia a previsão para ser transferida para um novo prédio que a prefeitura construiu atrás da sede do Ipase, onde hoje existe um estacionamento. O convênio fracassou porque, à época, o documento de doação da área pelo Ipase não foi assinado pelo ministro. A estrutura em Porto Alegre completa-se com o Grupamento de Cargas Perigosas, que funciona junto à Estação Floresta, e o Grupamento de Atendimento de Emergências, os *Anjos da Guarda*.



Posto avançado: distribuição de pequenas estações por vários bairros da cidade permite encurtar o tempo médio de deslocamento das viaturas em caso de incêndio

Grupo de socorro improvisa equipamento

Cinco caminhões, dois botes de borracha com motor e uma lancha — a General Petrazi — capacitada inclusive para apagar incêndios em navios. Este é o equipamento básico de que dispõe o 1º Subgrupamento de Buscas e Salvamentos do Corpo de Bombeiros que funciona no Armazém C-1 do cais do porto. O efetivo de 80 homens que trabalham em operações aéreas, terrestres e náuticas de salvamento também utiliza um helicóptero sempre que necessário.

Como acontece com todas as demais unidades do Corpo de Bombeiros, onde sobram a coragem e o esforço faltam equipamentos e recursos financeiros. Ainda recentemente tiveram que improvisar para conseguir tirar o motorista de uma caminhonete Santana Quantum que se acidentou na Rua Otto Niemeyer. Os bombeiros gastaram quase nove horas para retirar o motorista do meio das ferragens, o que em casos graves pode representar a morte. Como as ferramentas de que dispunham não funcionaram, o jeito foi afastar a lataria do carro com o auxílio de um caminhão-guinchô.

Segundo o major José Fernando Silva de Cristo, é necessário adquirir com urgência equipamento de salvamento em acidentes automobilísticos. É o "Lucas" ou o "Weber", uma espécie de cunha hidráulica

com força de três a quatro toneladas nas garras. Com ele, garante o major, mudam totalmente os procedimentos no caso de socorro a uma pessoa presa às ferragens de um veículo acidentado. "Com este equipamento, nós literalmente tiramos o carro da pessoa e não a pessoa do carro, com maiores chances de salvá-la." São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina já contam com este equipamento, que custa pouco mais de US\$ 12 mil.

ESPECIALISTAS — Os homens do 1º Subgrupamento de Buscas e Salvamentos constituem um grupo de elite com especialistas em motoserras, elevadores, motores de veículos e ainda 13 mergulhadores, com escalas de plantão de 24 horas. Entre eles se estabelece um rodízio a cada 60 minutos para controle permanente dos "monitores" do painel de comando: um telefone vermelho, diretamente ligado ao quartel da Rua Silva Só, um rádio transmissor e um telefone para receber chamadas externas e uso do comando da guarnição.

Eles atuam em casos de pessoas trançadas em elevadores, dentro de casas e apartamentos ou em ferragens de veículos envolvidos em acidentes. E também salvam gatos, cachorros, cavalos e outros animais colocados em situação perigosa, ou mesmo cortam árvores que ameaçam a segurança de pessoas. Na

equipe está incluído o Grupo Aéreo de Busca e Salvamento, que utiliza em suas missões basicamente os helicópteros do Departamento Aeroaviário do Estado (DAE) e seus pilotos. Estão construindo um heliporto junto à beira do rio, com a ajuda da prefeitura. Eles atuam bastante no verão, no salvamento de banhistas no Litoral do Rio Grande do Sul.

ARROJO — Outra ocorrência bastante comum: socorro a pessoas que precisam atendimento médico de urgência. Cristo lembra a operação deflagrada para salvar uma idosa norte-americana que teve apendicite aguda quando participava de um cruzeiro marítimo. O transatlântico deslocava-se em alto-mar, ao longo da costa do Rio Grande do Sul, nas proximidades de Torres, quando ela teve o problema. O hoje capitão Pastl deslocou-se até lá com um helicóptero do DAE. O aparelho não tinha flutuadores e, assim, era impossível pousar no mar. Não havia heliporto no transatlântico. A solução foi Pastl descer munido de uma maca por um cabo de 20 metros e chegar até o convés do navio. A norte-americana, de 70 anos, foi instalada na maca e, pendurada no cabo, cuidada por Pastl, foi deslocada por 200 milhas, sobre o mar, até a beira da praia, onde aguardava o socorro médico.

Fotos Arivaldo Chaves/ZH

CIDADES

Postos avançados descentralizam serviço

A idéia básica do plano de descentralização anunciado pelo comandante do 1º Grupamento de Incêndios, major José Fernando Silva de Cristo, é implantar diversos pequenos postos (estações) em vários locais de Porto Alegre. Em lugar para um carro, um pequeno quarto que comporte a equipe de quatro bombeiros, um banheiro e uma cozinha. "Vamos expandir sem criar novos custos, criando um sistema similar ao adotado em todos os países do Primeiro Mundo", diz o major, revelando que atualmente as estações são ternárias — com três carros —, o que considera desnecessário. No total estão previstos 22 postos avançados que se somariam às atuais oito estações de Porto Alegre.

Os bombeiros pensam em contar com a ajuda de grandes empresas, como supermercados, para concretizar este plano. As empresas ficariam responsáveis pela construção das instalações do posto — lugar para o caminhão e a equipe e um telefone. Além de oferecerem ao bairro em que estão instaladas melhores condições de segurança contra incêndios, estariam elas próprias mais protegidas.

Quanto aos postos, seriam localizados nos bairros Navegantes, Anchieta, Sarandi, IAPI, Três Figueiras, Alto Petrópolis, Jardim Sabará, Porto Seco, Safira, Agronomia, Vila São Francisco, Glória, Vila dos Comerciantes, Camaquã, Vila

Manresa, Belém Velho, Jardim Verde Ipanema, Restinga, Ipanema, Estrada Juca Batista, Serraria e Ilha da Pintada.

EQUIPAMENTOS — O equipamento de que dependem os bombeiros para desenvolverem suas tarefas é realmente caro. Um carro simples de combate ao fogo, por exemplo, está custando por volta de Cr\$ 500 milhões e uma auto-escada tipo magirus já supera Cr\$ 1,5 bilhão. A falta de recursos e o sucateamento da frota existente também impediram que a descentralização fosse concretizada. "Não adianta querer criar o posto avançado sem ter carro", ensina Cristo, anunciando que quando todos os carros estiverem recuperados — hoje, a cada dois meses um passa por completa reforma e já existem 20 em boas condições — dará para realizar o sonho das pequenas estações.

Dificuldade ainda maior acontece com o Equipamento de Proteção Individual (EPI). Recentemente, o comandante-geral da Brigada Militar anunciou a liberação de Cr\$ 1,8 bilhão para a compra de EPIs que vão substituir os atuais: roupa de terbrim — um tecido sintético altamente inflamável — e obsoletas capas de lona amarela. Embora não possam comprar o volume de que precisariam, vão adquirir capas incombustíveis, botas de borracha e os modernos capacetes com visor, a exemplo do que usam os bombeiros de países desen-

volvidos, além de cintos de náilon que substituíam os de couro.

CARÊNCIA — Os hidrantes são outra grande dor de cabeça para os bombeiros de Porto Alegre, diz o major Cristo. E ele vê como única saída possível firmar um convênio com a prefeitura para constituir uma patrulha mista — bombeiros e técnicos do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) — e mapear permanentemente quais os aparelhos que realmente estão em condições de funcionamento na cidade.

Cristo explica que periodicamente o Corpo de Bombeiros faz a "corrida ao hidrante", para verificar como estão os aparelhos já localizados e quais suas condições de funcionamento. Constatado algum problema, é feita a comunicação ao DMAE. "Mas os bombeiros, sozinhos, não têm condições de fazer isto com a frequência desejável, daí a necessidade de um convênio", defende o major.

Hoje existem em Porto Alegre cerca de 900 hidrantes que realmente funcionam, mas, em 1990, dos 950 aparelhos identificados na cidade, apenas 380 estavam em condições de ser utilizados. A deterioração deste importante sistema de apoio à tarefa dos bombeiros pode ser medida com o fato de que, em 1929, a cidade tinha 1.350 hidrantes para uma população de pouco mais de 200 mil habitantes.

Cargas tóxicas põem vida dos soldados em perigo

O efetivo é de 22 homens. Usam capacete, máscara e uma capa amarela, nada sequer parecido com o que seria exigido para proteger quem se aproxima de produtos altamente tóxicos e muitas vezes até letais. Por isto, estão permanentemente expostos e, antes de agir, sempre consultam a sala de operações, onde um computador armazena todas as informações possíveis sobre todos os tipos de agentes químicos. A partir daí podem definir, por exemplo, a distância máxima de aproximação do produto e o que podem e devem fazer com ele.

Este é o Grupamento de Cargas Perigosas do Corpo de Bombeiros, que funciona junto à Estação Floresta. Eles circulam em uma viatura adaptada para as missões que têm pela frente e, apesar do treinamento recebido e de alguns equipamentos avançados que utilizam, como explosímetros e um contador Geiger Mille, não raro recorrem a cobaias para testar a toxicidade de um agente químico. Uma atitude desnecessária se estivessem protegidos como seus similares do chamado Primeiro Mundo, que literalmente entram dentro de roupas especiais que os protegem integralmente contra qualquer tipo de produto.

A falta de equipamento adequado torna-se ainda mais dramática se considerarmos que os acidentes

que enfrentam são iguais ou até piores que aqueles registrados em países desenvolvidos, "pois nestes muitos dos produtos químicos e agentes tóxicos que ainda são vendidos no Brasil já tiveram seu uso proibido", lembra o major José Fernando Silva de Cristo. E adverte: se houver um acidente realmente grave no Pólo Petroquímico, os bombeiros não terão qualquer chance de impedir uma catástrofe.

EMERGENCIAS — O nome oficial é Grupo de Atendimento a Emergências, sediado nas estações de bombeiros, mas foram rebatizados pela prefeitura de *Anjos da Guarda* depois que começaram a operar com ambulâncias totalmente equipadas. Cristo admite que as viaturas novas realmente dão melhores condições de atendimento a emergências.

Um exemplo do trabalho desenvolvido por estas quatro ambulâncias: em 1991, foram atendidas 2.899 ocorrências, sendo 605 delas de atendimento a gestantes, o que resultou em 29 partos feitos pelos próprios bombeiros. Neste ano, até junho, houve 1.093 ocorrências, com 214 gestantes atendidas e cinco partos executados. Os homens que trabalham no Grupamento têm estágio avançado de atendimento de enfermagem.



Pouca proteção: operações especiais exigem muita coragem



Operações especiais: grupo de buscas e salvamento atua em operações náuticas, terrestres e aéreas